

ALUIZIO MAGALHÃES

Antes de começar o que poderia dizer de um pequeno raciocínio, ou uma hipótese pensamento que eu gostaria de desenvolver com vocês, me lembrei de uma história que pode servir de epígrafe.

Há umas três semanas passadas, um jornal muito importante no Brasil publicou uma matéria relativa ao nível de ensino primário, ou seja, de 1.º grau, numa região bastante deficiente do estado de Minas Gerais. E lendo essa matéria eu vi curiosamente que ela poderia ser lida em dois sentidos, porque na realidade o que se exprimia no texto era a dificuldade do grau de deficiência das professoras do nível de 1.º grau naquela região. E essas observações eram calçadas e baseadas em indicadores obtidos em testes e eles anotavam e mostravam os exemplos da deficiência dos testes e insistiam terrivelmente de como era elemental o nível de ensino naquela região. E lendo essa matéria, eu li ao contrário e disse: que beleza! uma região tão pobre, nesse lugar tão recuado, que essas pessoas existam e se comprometam a ensinar o que sabem, o que podem. Em outras palavras, aquilo que parecia tão negativo, tão negro, a mim soou como muito válido e muito positivo. E essa leitura está relacionada com o que eu gostaria de desenvolver com vocês como raciocínio e que a realidade pode ser vista pelo menos por dois pontos extremados em que todos os fenômenos podem ser tidos, lidos e vistos como positivos ou como negativos dependendo da maneira com que queiram focar o problema da consciência que se tenha daquilo que se chama realidade. O que é provável que há soluções mais aproximadas e mais harmoniosas dos problemas, com que se defronta o homem contemporâneo, esteja ele justamente na sua capacidade de lidar com esses opostos, na capacidade que ele tenha de estabelecer a dialética entre o sim e o não, entre o bom e o ruim, entre o técnico e o espontâneo e assim sucessivamente. E que no fundo não adianta inserir uma ótica deformada da excessiva preocupação com determinado tipo de tecnologia ou excessiva preocupação com os aspectos negativos em determinada realidade. Enfim, esse pensamento da dialética entre a ordem e a intuição, entre o método e a espontaneidade, está ligado a esse mesmo tipo de raciocínio. O que de fato ocorre é que o Homem Contemporâneo se vê diante de problemas extremamente complexos e ligados a essa realidade, e essa hipótese de realidade está expressada em extremos. Por exemplo: sem dúvida uma das mais importantes conquistas do Homem é a da dinâmica de informação imensa e maravilhosa, maravilhoso espectro que se tem hoje de técnicos e de formas em que a comunicação se espalha rapidamente, em que a comunicação atinge de maneira imediata setores e áreas do mundo as mais longínquas, permitindo inclusive a simultaneidade do tempo na percepção de fenômenos, como é o caso do Homem. Enfim, esse maravilhoso elemento, instrumento que é a comunicação, oferecido ao Homem Contemporâneo, ele também comporta o seu lado negativo, ou seja, a inevitabilidade de que a aceitação indiscriminada dessa excessiva carga de informações pode levar a uma descaracterização, pode levar a uma forma de uniformização de atitudes, de maneiras de ser, de maneiras de pensar, uniformização esta que é sem dúvida nenhuma contrária ao espírito de peculiaridade de cultura, que é contrária à riqueza acumulada ao longo do processo histórico, de peculiaridade de formas de ser que as culturas desenvolveram. E isso é tanto mais verdadeiro quando a gente se lembra que a atuação dessas formas maciças de informação sobre culturas muito desenvolvidas exercem esse tipo de influências, exercem esse tipo de achatamento, de diminuição de peculiaridades, ela é ainda maior quando se tem essas informações em cima de uma forma de cultura, ou de um processo de cultura recente, jovem, não ainda estratificado num processo de amálgama ainda muito primário em que apenas começam a explicitar suas peculiaridades.

Torna-se evidente que essa carga tão poderosa de elementos de informação uniformizadores poderá ocasionar a perda ou a morte desses indicadores de uma personalidade própria de uma identidade nacional, de uma forma particular de ser de uma cultura, e é justamente esse pensamento que me parece muito lógico a gente ter em mente quando se pensa no problema do desenvolvimento brasileiro. Nós somos uma nação no momento em que necessita muito que estejam presentes explicitados já oferecidos como alternativas às nossas maneiras de ser, aquilo que a gente importe, aquilo que a gente receba, que a gente possa digerir como forma, como elemento de formação de outras culturas, seja absorvido de maneira adequada, seja incorporada ao nosso processo de desenvolvimento cultural, que não seja uma forma de imposição ou superposição, que achataria e diminuiria as nossas peculiaridades. Esse tipo de preocupação é curioso, e ele é forte em países em desenvolvimento como o Brasil, ele já é

hoje inclusive de grande preocupação nos países de cultura desenvolvida. Observa-se em estruturas culturais como o Japão, em que na sua estratificação cultural já secular há uma forma de vida peculiar, mesmo em situações como essas a presença maciça e não filtrada dessas formas de comunicação não oriunda da tecnologia moderna que tem afetado e tem criado condições de modificação e de choque cultural.

Então, se nós temos que fazer esse trabalho, essa preocupação de adequação de uma realidade que nos é imposta, que nos é colocada à disposição, essa adequação tem que ser feita desde que você tenha maior conscientização daquilo que você é. E esse tipo de preocupação é a conscientização daquilo que não somos, que seria a base fundamental, a meu ver, de uma preocupação sobre o problema de ensino, que na realidade a pergunta seria: que brasileiro queremos educar? Que tipo de homem devemos preparar para que ele tenha condições, que dentro deste contexto cultural, deste espaço cultural ainda em formação ele possa explicitar a realidade cultural brasileira? E é evidente que o 1º ciclo, o primeiro grau é a base de formação cultural.

Na realidade o que se coloca como muito curioso e exatamente o núcleo de todo pensamento que se pode desenvolver em torno desse Seminário é justamente a peculiaridade de Brasília. A peculiaridade de Brasília está desde a sua origem, desde o momento em que a mais de 150 anos o pensamento determinou já a idéia de que uma cidade deveria ser construída e que essa cidade deveria se localizar no Planalto Central, e que essa cidade deveria chamar-se Brasília, e que essa cidade seria a única maneira de se ter condições de uma visão sobre o conjunto, de ter uma visão mais harmoniosa sobre os diversos níveis, os diversos contextos de áreas culturais que procuram se armazenar e se harmonizar no todo nacional. Ora, se o pensamento de Brasília é um pensamento que se recuou tanto e que foram necessários tantos anos para se explicitar em realidade, e esses anos de convergência para a explicitação somente a 15 anos passados, esse tempo necessário à maturação da criação de Brasília, ele é fundamentalmente importante na direção de um pensamento de convergências, de um pensamento que tem que se explicitar e se tornar realidade no momento em que Brasília começa a exercer essa visão e essa possibilidade de visão de conjunto. E aí alguns fenômenos, alguns ingredientes são curiosos de ser analisados. Em primeiro lugar eu diria que o pensamento dialético que me referi no começo, entre o sim e o não, o bom e o ruim, também ele existe de uma maneira curiosa na estrutura do pensamento da cidade de Brasília.

Se nós observarmos por exemplo o caráter simétrico, o caráter racional do Plano Piloto, se poderia inclusive perguntar, e isso é motivo de perguntar, com que razão o brasileiro, homem tropical, cuja forma de ser, já basicamente a sua estrutura é muito mais intuitiva e muito mais espontânea e muito mais ligada à forma de exuberância de contrastes de luxo etc. por que razão a opção e a decisão do traçado de sua cidade, e sua cidade tem essas características de comando de visão de conjunto, foi uma opção por uma cidade racional. Há um aspecto paradoxal contraditório nisso. Mas se nós observarmos essa idéia, esse raciocínio de uma hipótese dialética entre a ordem, o método, a intuição e a forma espontânea verifica-se que talvez o pensamento tenha sido justamente de que a racionalidade e o espírito simétrico do plano de Brasília fosse o ingrediente necessário para contrabalançar o outro lado excessivamente presente de exuberância e intuição de forma espontânea. E que a cidade branca, limpa, simétrica, cartesiana de Brasília seria o momento focal importante de se introduzir o método, de se introduzir ingredientes de pensamentos metodológicos. É curioso também que se observa que, como um corpo vivo, como a forma biológica essa intuição é no fundo uma intuição pela ordem e pelo método, ela imediatamente foi acompanhada da presença da contrapartida oposta, ou seja, as cidades satélites, a presença do homem rural brasileiro na construção de Brasília, o homem que aqui se fixou introduz um componente novo inesperado e maravilhoso, que é, ao lado dessa situação extremada de método e de razão, colocar a presença dos ingredientes intuitivos, dos ingredientes espontâneos da realidade brasileira como um todo, que é a presença em torno de Brasília, participando de Brasília, do homem brasileiro na sua mais alta representatividade. Então, uma situação peculiar se apresenta. É uma cidade construída pela razão, que abriga uma representatividade alta de brasileiros de um nível cultural mais alto que são os homens que vêm com a preocupação e a possibilidade de comando, de metodologia e situação de comando que poderia se tornar demasiadamente racional nessa relação que é contrabalançada nessa situação de imediato pela presença de uma representatividade em alto nível de diversificação de tudo que é realmente peculiar ao fenômeno brasileiro.

E curioso fenômeno esse que justamente o homem do governo, funcionário de qualquer nível, ele é na maior parte oriundo de contextos urbanos e se darão a representatividade desses contextos urbanos/os homens que situam-se no Plano Piloto, por sua vez os homens que se situam nas cidades satélites eles são basicamente de origem rural, eles trazem a contribuição do que faltava, ou seja, a presença da diversificação do homem brasileiro como um todo. Então o que se torna extremamente sedutor e extremamente poderoso como fenômeno da análise e que, em Brasília, tudo que se foi feito e nesse caso sobretudo no ensino ele será feito para Brasília sem dúvida, mais ele terá uma possibilidade de verificação de conjunto e de ser hipótese de modelos para outras situações que nenhuma região do Brasil teria, pela presença desse alto índice de representatividade brasileira.

Então, justamente o que seria interessante é que nunca se separa muito, e que ao contrário se procura fazer a maior aproximação possível entre as duas formas, ou as duas atitudes, que é atitude um pouco mais elitista inevitavelmente do homem urbano que veio e o homem rural que aqui veio também, e que justamente da harmonia e do diálogo da dialética entre essas duas formas de ser pudessem surgir as experiências didáticas do ensino do novo homem de Brasília, que se vê o resultado de tudo isso, porque na verdade não existe um homem de Brasília, existe muito mais do que isso, que é o homem brasileiro representado no seu sentido mais amplo. E essa característica a meu ver deveria ser tido como ponto principal e como ponto talvez funda-

mental nesse desígnio que é a Idéia total de Brasília, de ser uma cidade cuja visão seja uma visão de conjunto de fenômeno brasileiro como um todo. Você viu nesse mesmo tipo de raciocínio, eu não quero me alongar demais, eu diria como especificidade mais direta em relação ao fenômeno ensino, eu diria que a conscientização sobre o que se pode vir a ser peculiar brasileiro pode ser encontrado em nível muito alto em Brasília pela razão que foi exposta, e que uma tarefa, através de grande sentido, fosse justamente essa de avisar e incentivar com impulsos corretos tudo que está e permanece de certa forma latente na diversificação desse homem que ocorreu a Brasília. Para isso, a meu ver, uma das tarefas mais importantes seria, nesse processo de conscientização, a tentativa de não se perder contato com a realidade, com os elementos verdadeiramente reais. Em outras palavras, penso que as tecnologias modernas de ensino são de grande validade desde o momento em que a gente sobre elas não exerça um fascínio, sobre elas não se sinta um fascínio como se as tecnologias e as formas de comunicação mais modernas fossem a única maneira de aprendizado. Muitas vezes, ao contrário, é bom senso, é o bom equilíbrio entre uma tecnologia mais sofisticada de formas típicas e puras de bom senso diante da própria realidade que se toca, que poderá criar uma metodologia correta, isto em termos de policiamento de ensino para o homem brasileiro.

Penso muito que o contato com a realidade de cada indivíduo cada vez se perde mais. Penso muito que o próprio indivíduo cada vez tem mais condições de viver em contato com sua própria realidade, de tal modo, ele a vê substituída por formas substitutivas, representativas dessa realidade. É preciso que a gente não esqueça que a imagem, a representação de uma realidade é apenas bidimensional, enquanto que a realidade é pluridimensional. A cada momento que uma realidade é tocada e analisada, ela oferece indicadores surpreendentes de ordem mítica, mutadores de todos os sentidos que enriquecem e que dão a essa realidade uma forma de ser completa; e que a representatividade dessa realidade é levada na medida que a gente precisa conhecer várias hipóteses de realidade; não se pode conhecer todas, mas essa representatividade é um elemento de grande limitação e que restringe muito a forma de percepção, sobretudo quando se trata do homem jovem no seu momento de formação de repertório.

Penso que toda a tecnologia para o ensino nessa direção deveria estar muito voltada para o fazer, para o contato com formas, para o contato com indicadores da própria realidade, porque, por outro lado, a criança no mundo contemporâneo e em Brasília é um exemplo perfeito disso, ela já é inevitavelmente posta à grande quantidade de estímulos que são de toda natureza, que são válidos, que são enriquecedores de seu repertório e que são representativos, apenas, através de forma de comunicação moderna: cinema, televisão, sistemas visuais de toda sorte; esses elementos enriquecedores são válidos, mas é preciso contrabalançar isso com o contato direto com a sua própria realidade, e justamente, no caso de Brasília, não só com a sua própria realidade, mas com as diversas realidades que compõem o conjunto de amostragem cultural que Brasília detém, e nessa forma, de deter, ele poderá ser representativo não só na resolução do problema de Brasília, como também, e sobretudo, em transbordar ou transferir para outras regiões as formas de contato, de conhecimentos adquiridos através daquela amostragem básica.

Esse raciocínio poderia se alongar muito, e não vejo razão para não interromper e deixar que o debate se estabeleça. Mas, antes de terminar, vou repetir para vocês um tipo de estória que já usei em outra ocasião, mas que me parece muito pertinente renová-lo.

Recentemente, relendo GUIMARÃES ROSA, fiquei muito impressionado com o texto da estória do pequeno Miguelinho, a criança do sertão, que ia ser levada para a cidade, pelo seu padrinho, e que na cidade iria seguir o seu próprio destino. Essa criança, em conversa com o padrinho, antes de despedir-se da família, a um determinado momento, o padrinho verifica que a criança era míope. Constata a miopia da criança e diz a ela que na cidade ela será contemplada com os óculos que lhe darão uma visão correta das coisas; e a criança então, no momento em que vai despedir-se da família, pede ao padrinho, então, colocar-lhes os óculos, e ela que via tudo falou que tinha diante da realidade uma visão apenas de aparência e de conjuntos, de repente, passa a ver com nitidez, percebe o perfil, o contorno da casa, dos móveis, da mãe, dos irmãos, da família, o cachorro, a paisagem, e ela se despede no seu contexto com essa visão nítida e correta de qual é a sua verdade.

Essa estória me impressionou, na medida em que justamente é esse um dos pontos fundamentais do problema brasileiro, é a ótica que a gente tem que usar, de percepção de realidade, que fazem parte do nosso repertório, do nosso universo; e é com ele, através desse repertório, que se pode constituir uma forma de cultura nova e, provavelmente, autêntica.

Era isso que eu gostaria de transmitir a vocês.

— Sou representante da escola particular, Presidente da Associação das Escolas Particulares de Brasília, e durante sua palestra estava tendo uma reflexão aqui, que acho tem um aspecto interessante. Brasília, como o Sr. disse, é uma cidade padronizada. A tendência nossa, aqui, é de um ensino, vamos dizer, de uma região bastante limitada; se torna fácil padronizar mais esse ensino do que em qualquer outro lugar. Então, temos o contraste; temos até onde ele deve ser reforçado e até onde deveria ser diversificado.

No Plano Piloto, onde tudo é muito mais padronizado que nas cidades satélites, temos uma oferta muito maior de escola particular que não existe quase nada representativo nas cidades satélites. Então, o aluno do Plano Piloto tem o ensino mais padronizado do que nas cidades satélites, e tem ensino mais diversificado porque o ensino particular pode justamente oferecer diversidades de enquadramentos, de modo de pensar, de ação, de metodologias, de currículos diversificados daqueles do ensino oficial, e, por ser oficial, naturalmente, tem que ser padronizado, para que se possa ter uma boa administração. Nas cidades satélites é justamente o oposto, onde existe menos padronização, a não presença da escola particular lá dá o ensino muito mais padronizado. Então não sei se é uma vantagem de a gente ter essa diversidade porque viria corrigir, talvez, o excessivo de

padronização no Plano Piloto e onde não está padronizado, a parte de construção, a parte de vivência, etc., da coisa, porque a própria vida do Plano Piloto vai-se tornando também, muito mais padronizada, não somente o ensino, mas a própria vida aqui já é mais padronizada, então, oferecemos tipos de ensino diferentes. O senhor encararia isso como uma vantagem ou talvez como uma desvantagem, alguma coisa diferente que a gente devesse fazer nesse sentido?

— Ponho esse seu pensamento inteiramente integrado na hipótese que propus da dialética entre as compensatórias, entre as duas formas em que a presença excessiva de um dos pólos é negativa, é preciso 'contrabalançá-lo e o seu pensamento é justamente nesta direção, em que a diversificação do Plano Piloto é necessária a quebrar a excessiva metodologia, ou ordem do contexto da cidade, e, ao contrário, nas cidades satélites, ou seja, sendo muito mais espontâneo os tipos de vivência e de forma de ser, a escola oferecer um pouco mais de metodologia e de sistema.

E lhe digo, também, o seguinte: numa das primeiras vezes que vim a Brasília, nesse novo contato com a cidade, o Embaixador Murtinho levou-me a uma festa de formatura numa escola, que se não me engano, o senhor dirige, uma escola normal. Fomos juntos a essa formatura. E uma das coisas que mais me comoveu foi ver na solenidade de formatura os índices de espontaneidade que não estava encontrando em Brasília, no Plano Piloto. Lembro-me do auditório, lembro-me que havia, inclusive, coisas, cujo índice de espontaneidade era tal que poderia, erroneamente, ser tomado como mal gosto; e eu perguntei o que é de bom gosto ou mal gosto? Não estaremos muito tentados a criar para a Bíblia e dizer que tal coisa é boa porque ela foi vista em tal contexto ou ela é usada em tal contexto, quando a presença de coisas espontâneas poderá, justamente, evitar essa forma excessiva de se tornar padrões?

Lembro-me, perfeitamente, que havia, inclusive, no cenário e na forma de estrutura do auditório uma espontaneidade de cor, de relação de espaço, que era uma forma de espontaneidade que não se encontraria, jamais, no Plano Piloto. E lhe digo mais, que a presença daquilo me deu uma grande alegria na medida em que percebi que Brasília não teria o perigo de ficar sempre, excessivamente modular, excessivamente racional, pela presença, justamente, dessas formas espontâneas, ao lado e dentro, convivendo com a cidade.

De forma que parece-me isso uma coisa altamente válida, essa possibilidade desse jogo, desse equilíbrio harmonioso entre forma de metodologia e espontaneidade.

— Queria esclarecer que a formatura a que se refere a última reunião foi em Taguatinga, foi mesmo na Faculdade de Educação da Universidade Católica. O auditório era da nossa própria escola, mas a formatura era de outro grupo de alunos. Foi muito curioso, mesmo porque tinha um caráter extremamente cromático, ou seja, muito vivo, muito autêntico, muito pouco brasileiro, e nesse sentido vantajoso vejo que sou mais favorável ao fato de termos adotado o critério cartesiano porque a pessoa tem de chegar a um momento dado em que deve assentar o compasso em um ponto determinado e saber que é pontual, a pessoa tem que definir isso, o que foi feito, mais isto não impede que ela continue em permanência, sendo o primeiro personagem barroco, um personagem autêntico, um personagem que tem fundamentos em seu próprio passado.

— Dr. Aluizio, nessa conferência ilustrativa, o senhor nos apresenta uma série de informações bastante oportunas, mas antes de formular a minha pergunta queria fazer uma série de considerações. O senhor falou, aqui, sobre o problema da criatividade, enfim, uma série de coisas. Queria lembrar que há poucos anos, quando não tínhamos ainda recursos sofisticados, não estávamos ainda numa era tão adiantada na área da ciência e da tecnologia, o professor, naturalmente, lançava mãos de recursos próprios e saía-se muito bem. Lembro-me que ao fazer o curso primário todas as disciplinas eram copiadas. Lançava-se no quadro e a gente copiava todas, inclusive a matemática. Hoje não! Com esses recursos audiovisuais, sofisticados naturalmente, projetores de slides, xerox, mimeógrafos, decalques, etc. Hoje, o aluno recebe tudo mimeografado, muito prontinho, tudo só para colocar um xis, preencher lacunas, etc.

Em vista disso, gostaria de saber se a maneira, não digo incorreta, mas o uso excessivo dos recursos audiovisuais, não que eu seja contra o progresso e uso desses recursos, muito pelo contrário, mas se o uso excessivo desses recursos audiovisuais empregados pelos professores não seria prejudicial aos alunos em todos os setores, para o raciocínio, para a leitura, a escrita, e, inclusive, para a própria criatividade? Nesse caso não estaríamos, com esse uso excessivo de recursos, tornando os nossos alunos míopes cada vez mais?

— A sua pergunta tem muito sentido e gostei muito tivesse sido feita. O que penso é que uma civilização sempre é construída por uma forma de acúmulo, e uma civilização não é um atropelado avanço em que a gente vai jogando foras as coisas que mandam as mais novas. Justamente a sabedoria a que se pode atingir uma forma de civilização está em você acumular os seus conhecimentos e as suas conquistas e usá-las cada vez mais adequadamente. E nesse sentido tem muita razão a sua pergunta. É certamente uma forma negativa a adoção exagerada dessas novas formas de tecnologia, esquecendo as outras formas que são determinadas por um longo processo de bom senso, de contato com a realidade, etc., porque justamente o excessivo uso dessas formas caminham inevitavelmente na direção de diminuir a fantasia, a curiosidade, a iniciativa, a capacidade crítica da própria criança. E se observarmos que justamente num momento como este em que a civilização, pelo menos a ocidental, se apresenta com uma tal quantidade de informações e de áreas de saber, e que o homem portanto, para lidar dentro desse universo de saberes, teria que ter uma aparelhagem mental muito mais na base do raciocínio, capacidade crítica, capacidade de discernimento e de atuação própria, ele não devia, justamente, ter um exercício maior dessas condições, suas, de ver, criticar, analisar e ir ao encontro de conhecimentos que ele precisa, certamente, o uso de formas e imagens como me referi, transposição bidimensional, pode ser nocivo ao enriquecimento próprio da criança.

Para completar, citar-lhe-ia um exemplo.

Há algum tempo passado, um grupo ligado à Escolinha de Arte do Brasil convidou-me para um simpósio sobre "O livro e a Criança", e, justamente, ficaram muito surpreendidos porque tinha eu sido convidado como um elemento ligado à comunicação visual. Coloquei o problema que, de certo modo, era contrário a tudo aquilo que eles esperavam que eu colocasse.

Em relação ao livro dizia eu que o número de estímulos e de solicitações que a criança de hoje inevitavelmente tem que compactuar através de todos os sistemas que a gente conhece: cartazes, auditórios, televisão, cinemas, enfim, está exposto normalmente a uma variedade, a uma quantidade altíssima de estímulos, de forma visuais e de percepção visual. Se ainda o livro que lhe era preferido fosse um livro simplificado em termos do texto e enriquecido por estímulos também visuais, em muitos casos até em estímulos que diminuiriam a sua fantasia, esse livro era um livro negativo.

Reivindiquei a hipótese de que era preciso ter o maior cuidado em não deixar que a criança fosse exposta verdadeiramente ao pensamento escrito e que esse pensamento não precisava, e portanto prescindia de qualquer outro tipo, de outro estímulo e que há mesmo um grave ponto nesse raciocínio; é que ao momento em que a criança realmente estabelece o seu vínculo com o pensamento escrito ela é capaz de ler, é capaz de entrar no universo da palavra escrita e jogar nesse universo da palavra escrita a sua própria fantasia. Se retirarmos a ela esse direito da sua própria fantasia é capaz de retirar-mos dela a capacidade da pedra fundamental do homem, que é o hábito de ler; pedra essa que tem que ser feita ao momento certo, no momento em que o desenvolvimento intelectual da criança realmente sente que aquele universo se aplica a ela. E que o nível excessivamente decorado, o nível com estímulos - esses estímulos, talvez, fossem negativos ao outro lado do problema fundamental que era o hábito e a percepção do pensamento escrito.

Isso é uma coisa que o elemento exatamente coloca dentro da sua ordem de preocupações.

— Queria apenas acrescentar que isto vem de encontro ao que estamos procurando realizar aqui em Brasília. A presença da televisão, um dos elementos fundamentais da vida cultural de todos alunos sem dúvida, um mundo muito específico e muito amplo, tem de, necessariamente, ser contra-arrestado com o livro, e conseqüentemente com a biblioteca. Acho que um dos elementos que vai caracterizar efetivamente o ensino e a cultura de Brasília é o surgimento de pequenas bibliotecas que eu espero, nos próximos anos, continuaremos construindo e equipando.

A biblioteca é o elemento decisivo para a pessoa continuar a sua viagem imaginária. A biblioteca é a forma que a pessoa tem de, realmente, levar avante a idéia de que o aluno deve aprofundar o seu conhecimento, e não posso concordar com o Dr. Aluizio quanto à ênfase a ser dada à leitura e à percepção do pensamento escrito. Com efeito, as nossas técnicas de alfabetização não levam em consideração a extrema dificuldade que a criança tem não só de codificar a palavra escrita, mas a transportar no seu pensamento, o pensamento que ela está tentando ver numa realidade que para ela poderia ser, inclusive, uma realidade visual, a partir do momento que a sua imaginação atuará. Isto faz com que a criatividade a que nos referíamos sempre não se limite à criatividade visual, no sentido de pintar, ou a criatividade musical, no sentido de compor, ou a criatividade da... expressão corporal e muito em relação à criatividade da imaginação pura, isto é, a capacidade da pessoa ler, imaginar, completar esse mesmo pensamento. De maneira que se de um lado fui tão favorável e continuo sendo à televisão, um dos elementos decisivos de abertura, acho que não pode haver ensino, nem cultura em uma cidade, muito menos uma cidade tão isolada, tão sem fundamento quanto Brasília, e tem uma rede sólida, acessível e popular de bibliotecas.

— O senhor abordou, nesta última resposta, um aspecto que quero, realmente, levantar. O senhor fala nesta palestra que a criança de Brasília recebe uma grande gama de estímulos, e eu destaco dentre os vários estímulos os visuais, muita vez distanciados, segundo me parece, de uma realidade que ela conhecia, porque uma realidade, talvez, que reflete uma cultura eletrizante, que se choca, muitas vezes, com a realidade que ela trazia. Sabemos que a criança reconhece e interpreta uma imagem visual antes de começar a ler.

Faço esta afirmativa! Como o senhor vê, a iniciação ao processo de comunicação é tão necessária àquela conscientização que o senhor referiu, tão fundamental numa cidade como Brasília, que já há uma imensa gama de realidade, uma pluralidade de realidades!

— Penso muito, e você tem razão, em que há momento em que a criança tem uma possibilidade de codificação muito rápida, pela forma gestáltica, do que pela forma do pensamento linear, ou de uma explicitação codificada linearmente, como é a palavra. Mas, o que penso, sobretudo, é qual seria a maneira de se poder detectar no universo de crianças de Brasília, dentro desses componentes que a gente viu, tudo aquilo de sua forma latente, do seu próprio universo de origem. É a idéia de não se perder, não se substituir, mas, sim, dar continuidade às formas latentes que através do processo de consenso coletivo, de hereditariedade, enfim, todas as formas que a gente sabe, a psicologia exerce sobre a sua cota de definição de personalidade, de tentar observar nessas crianças todos esses valores latentes e construir sobre elas, na forma de explicitação, justamente para, como você diz, e com razão, fazer com que elas não sintam que têm que substituir aquele entulho que elas percebem latente, por uma forma que não lhes é familiar e que não lhes é cara. Seria quase que um aprendizado forçado de aceitação daquelas formas.

Evidentemente que é uma coisa difícil, porque tem que ser feita muito mais no exercício de descobrir, detectar esses valores que estão sob forma latente, para dar a elas condições de explicitarem, através, então, de estímulos que são anteriores à palavra. Fazendo jogos, fazê-los na maneira que, espontaneamente, elas comecem a exercer o traço, os primeiros elementos que consigam codificar numa representação. E um trabalho, evidentemente, que envolve uma codificação de contacto, de relações entre professores e alunos muito altas e, dificilmente, poderia se estabelecer modelo rígido sobre isso.

O ensino hoje, por se expandir, atingir todas as classes, isso é indiscutível, desde o curso primário até à universidade, está o vestibular demonstrando uma série de falhas existentes no nosso próprio ensino; na própria preparação para o vestibular há necessidade de uma massificação e ao mesmo tempo as falhas que existem no tocante à massificação.

— Gostaríamos de obter uma opinião mais pessoal sua pela razão de ser um homem criativo e que já deu tantas contribuições, pudesse nos dizer, recordando o seu passado, o que mais contribuiu para essa criatividade e até onde podemos corrigir alguma coisa de nosso ensino, para levar uma maior explicitação de criatividade aos nossos alunos.

— Difícil é a sua pergunta. Mas vamos tentar contorná-la ou aproximar do âmago que ela encerra. Primeiro digo que toda forma de massificação, toda forma de ajuntamento de quantidade envolve, inevitavelmente, uma certa desordem inicial. O que justamente caracteriza e empobrece, a meu ver, os aspectos juricistas é a facilidade. Você escolhe, penhora, cifra, e, aí, pega um residual num determinado tipo de condicionamento já predisposto, e sobre ele exerce um determinado tipo de atuação. Depois que se quebra isso, que se abre o jogo numa amostragem mais ampla, quantitativamente mais ampla, e também mais complexa, então há uma tendência inevitável, no começo, diante dessa quantidade. Existe, por exemplo, uma queda de qualidade, mas isso faz parte do processo. É preciso viver a quantidade, é preciso estar ligado a essa quantidade, a essa forma de massificação para poder, então, dentro dela, tentar elaborar formas de melhor contato e fugir às formas muito rígidas que a massificação inicial determinou. Respostas assim, assim, etc; um universo muito limitado que à primeira abordagem na massificação traz inevitavelmente. Em outras palavras, que só se possa corrigir as coisas vivendo-as. Então, isso, a meu ver, seria uma preliminar à idéia de massificação.

Quanto à sua pergunta mais direta, qual me lembrasse um elemento fundamentalmente forte nessa formação importante, diria que está ligada ao diálogo, à abertura, ao contato e uma forma de liberdade. Em outras palavras, a hipótese de você ter diálogo, contato, a hipótese de você se comunicar, significa profundamente um estado de liberdade do indivíduo, e é dentro desses contextos que mais pode representar-me. Suas formas interiores, de maior ou menor índice de criatividade para uma forma ou outra se tornaram mais explícitas, isso é, evidentemente, uma palestra fundamental no ensino; condições de diálogo, contato onde a comunicação se exerça com grande forma de liberdade.

— Esta foi o que o senhor mais evidenciou?

— Foi o que mais contribuiu para que eu pudesse chegar a determinado índice de personalização. Antes de mais nada, gostaria de fazer uma pergunta ao Aluizio, mas gostaria também de fazê-la ao público, porque somente ele poderia responder à primeira parte.

Fiquei muito impressionado com um pensamento do Aluizio pelo qual traz à tona um problema, uma ordem temática de que ao se fazer ensino em Brasília deve-se fazê-lo a partir de Brasília, ou seja, uma das características do ensino, pelo menos é a impressão que tenho, salvo alguns cantos como Hino a Brasília, azul e cheio de esperança, não tem nenhum contexto com a cidade, com a decisão da Capital, ou seja, apenas é feita em demasia num campo neutro, dando a impressão de que aqui estamos num laboratório mas que poderíamos estar em órbita, a 200, 500, ou 600 km mais longe, e, inclusive, dizer das nossas experiências que podem ser levadas a outros ambientes, porque elas, no fundo, são experiências em campo, como disse anteriormente, neutro.

Gostaria primeiro de perguntar a alguns de vocês, que são responsáveis pela Educação agora, até que ponto se leva em consideração, porque, vejam bem, o contexto é curiosíssimo, todos os professores têm origens diversas, cada um traz experiência distinta, vêm de um grande número de estados e cada um deles traz o seu conteúdo cultural. Mas na cidade, ao lecionar, não se leva em consideração a realidade local.

É evidente que a pessoa ao lecionar, digamos em Mariana-MG, está inerte num contexto cultural que dá cor e elementos para o professor lembrar ao aluno aquilo que lhe rodeia.

Gostaria primeiro de saber para depois continuar esse meu raciocínio; se não de alguma forma, além dos cantos temos levado em consideração esse fato curioso; primeiro de que eles são os primeiros, ou seja, vocês, alunos, são os primeiros de uma nova raça; o segundo é o fato de que eles estão destinados a uma liderança irremediável por emissão das outras, ou seja, aqui vão se formar os administradores de amanhã. E quem vai tomar o poder, quem vai ser o tecnocrata de amanhã são aqueles criados aqui.

Por outro lado, é o próprio esforço, ou seja, da mesma forma que nós falamos das bandeiras, do trabalho, da imaginação e da coragem que representou aquilo, até que ponto Brasília e o fato do sacrifício que foi feito para a sua construção entra na nossa história?

Gostaria de sentir isso antes de continuar a pergunta específica que gostaria de fazer ao nosso orador.

— Isso que o senhor lembra tem sido realmente preocupações por todos não em contatos com o professorado lembrar esta característica que falta ainda. Ela está sendo feita de forma insuficiente, mas se está levando em consideração.

— Se está levando em consideração, ou seja, há uma consciência de que eles estão participando da história?

— Pelo menos a gente tem tentado mostrar que não se faz educação sem mergulhar nesse problema, porque educação é história. Não poderemos fazer educação em Brasília sem haver quebrado corpo e alma na história, como o Dr. Aluizio embrou, de Brasília como uma realidade nova, que pelo fato de não guardar relação com Minas, Paraíba ou com aqui, porque é um fato novo, e como lembrou muito bem, que Brasília aqui tem uma representatividade do homem brasileiro como um todo, o que não acontece nas diversas regiões, a gente tem que tentar a fazer... de ele entrar mais neste aspecto.

Agora voltamos a lembrar! Não é muito fácil a gente conseguir por sugestão ou por persuasão convencer uma pessoa, por bem, que ela faça comparação; nosso professor ainda faz comparação porque lá na minha terra é muito de nós brasileiros, é muito mais de quem vai chegando de novo a Brasília.....no contexto cultural que nós estamos vivendo. Agora, a pergunta do Sr. Secretário, se estamos preocupados com isso? Estamos! Na medida em que vamos conseguir isso, que a gente possa conseguir é que talvez a gente tenha um professorando mergulhado dentro desse contexto, dentro dessa perspectiva.

— Quer dizer que a resposta na realidade seria sim? Embora na direção exista essa preocupação, na prática ela não se transforma em sistemática, não?

— Eu só queria falar ao professor referindo-me ao meu setor, porque é nesse que poderia...

— Estou falando porque a impressão que tenho é que vocês primeiro ao se omitirem é que na realidade, aqui, o conceito é mais neutro, ou seja, a pendência é que cada um dos professores se origina de estados diferentes, diversos, ele traz sua cultura mas não se conscientiza e não conscientiza os alunos de que eles estão num ponto diferente e num ponto historicamente diferente do país; apenas faz-se aqui um ensino mais correto, mais profundo, mas não há, talvez, essa tentativa por parte dos professores, e conseqüentemente por parte dos alunos, de que eles estão participando de algo novo, totalmente novo, ou seja, não é apenas a dificuldade que existe nas cidades, a dificuldade de transporte, a dificuldade da pessoa obter aquela estabilidade indispensável para se fazer bom ensino, mas, creio eu que até agora a idéia de Brasília, porque a idéia de Brasília, veja bem, só resulta a partir do momento em que os professores têm a consciência de que vão ficar. A grande novidade nos últimos anos é a consciência das pessoas de que não voltarão mais; elas não vieram, apenas, para passar um, dois, três anos num lugar e depois voltar; não se trata de uma migração temporária, trata-se de alguém que contra a opinião e o desejo dele, eventualmente, está consciente bruscamente de que vai deitar raízes aqui.

Conseqüentemente teremos que valorizar primeiro, nele, a consciência de que ele é parte da comunidade, mas, especialmente, valorizarmos em relação ao aluno o fato de que ele é privilegiado, no sentido de que ele está vivendo a história, porque a história de Brasília, realmente, se dá nos últimos três a quatro anos; antes havia, ainda, apenas uma turbulência, pessoas iam, vinham, as pessoas estavam querendo assentar. Já, agora, a poeira assentou.

Gostaria de dar a palavra a Celeste. Tenho a impressão de que estamos dando um ensino que poderia ser dado em outra cidade. Isso é que me parece errado. Errado, digo, em tese. Josephina diz que não. Gostaria que falassem. Vamos ouvir o que diz a Celeste.

— Também acho. Do que não estamos muito convecidos em nossos estados, e quando, inclusive, o Dr. Aluizio falou naquela estória da criança do bairro, pensei.. será que também nós estamos ficando míopes e estamos precisando colocar óculos para conhecer, realmente, nossa realidade, nós que estamos antes de partirmos, porque se formos analisar em termos o que se propõe para o sistema a gente vai encontrar, talvez, tipos de ensino em muitas ocasiões para que o aluno se sinta o primeiro de uma raça? Mas eu acredito, vou me arriscar a responder pela equipe de currículo. Pelo menos ao elaborar as propostas não tivemos essa preocupação. Nós, às vezes, chegávamos até situar: isso aqui está parecendo muito Minas Gerais, muito São Paulo, muito Rio Grande do Sul, mas acho que tínhamos que colocar os nossos óculos e ver realmente a realidade para depois partirmos. Acho que vale principalmente para a equipe de currículo essa reflexão. Encontramos, muitas vezes, respostas, mas não que tivéssemos de partir dessa preocupação.

— Obrigado, Celeste.

— Acho que é muito diferente o nosso ensino. Me perdoe o Dr. Aluizio. A nossa proposta está baseada justamente nos nossos esquemas, no nosso repertório, é lógico! Mas, nós temos em Brasília, me parece, uma coisa muito diferente que não se faz no resto do País. Me parece esse o aspecto fundamental.

Quando se trata de educação moral e cívica, de educação artística, pedimos a ele as artes visuais, plásticas, música, as artes cênicas que estão começando agora, encaramos de forma muito diferente, encaramos como processo, não estamos preocupados como produto; me parece que isso já é uma abertura diferente para este estabelecimento do diálogo, de liberdade para levar ao aluno à possibilidade de pensar. Aí eu vejo que é diferente, que nenhum outro estado faz.

— Isso tenho certeza. Ele é diferente, veja bem,...

— Nós o fazemos extensível a todos sistemas.

— Acho que, sem dúvida alguma, há aqui no ensino o primeiro, o simples fato de ser ele total, ou seja, a totalidade da população se beneficie dele, em maior ou menor grau, mas é a totalidade. Mas o ponto específico era, embora sejamos inteiramente diversos, isso tenho certeza, sou o primeiro, imagino eu, sempre digo menos ruim, mas já estamos entre nós muito melhor. Mas o que dizia é que esta realidade que lecionamos e as formas que adotamos não se valem deste elemento curiosíssimo que é o ambiente de Brasília e o ambiente da cidade satélite. Cada vez mais gostaria de que o pessoal da cidade satélite viesse ao Plano Piloto e que de Brasília se visitasse e se tivesse uma consciência absoluta do que é uma cidade satélite, o que jamais há de parte, ou seja, há muita gente de Brázlândia que jamais veio a Brasília. E nesse sentido temos que usar ao máximo as facilidades públicas para realizar visitas recíprocas. As escolas e os complexos das cidades satélites receberem seus companheiros daqui, fazerem estudo como é a cidade satélite, o que falta na cidade satélite, o que representa de peculiar as cidades satélites no sentido da Feira do Guará, do Grupo de Bumba-Meu-Boi de Planaltina, enfim, além desse entrosamento, a consciência de que eles são um todo.

Nós conseguimos isso e espero poder continuar a dar a sensação a todos os alunos da rede oficial de que eles são um to-

do. Por isso, aquela primeira formatura global da oitava série teve significação. Ela poderia, creio, quando pensávamos em relação ao Aluizio, o que gostaria de perguntar é o seguinte: seria viável, no fundo, a pessoa fazer uma divulgação ao nível do ensino fundamental do texto de LÚCIO COSTA, isto é, seria possível nos encontrarmos, por que isto é realmente tão estranho, a pessoa ser o início de algo, ver como ele começou, saber que ele foi pensado dessa forma e executado dessa mesma forma? É evidente que o texto de LÚCIO COSTA é pouquíssimo lido, inclusive pelos dirigentes da cidade. E nos familiarizamos enormemente com esse texto muito antes de que eu cogitasse vir para Brasília. Era um dos textos que na minha vida mais me emocionou, porque LÚCIO COSTA é cartesiano de pensamento, mas é europeu de formação. Como toda pessoa muito brasileira está ele profundamente ligado, estudou na Europa, é um senhor que toma chá, um senhor que, inclusive, queria fazer uma casa de chá nos Três Poderes. Portanto, mostra bem como tinha um pensamento ligado às estruturas que não eram as nossas.

Mas gostaria, Aluizio, de saber:

1º) Será possível a pessoa simplificar o texto de LÚCIO COSTA?

2º) Será possível? Por que todos os esquemas de Brasília, todos os esquemas estão lá, até visualmente, não?

— Acho que não só pode, como pensamento serve mais do que propriamente o texto de LÚCIO COSTA. Veja bem, quando Josephina diz que o ensino de Brasília já se caracteriza por um tipo de comportamento que é o de se relacionar as formas de ser, de agir da criança, não como resultado, mas como processo; isso é um indicador de nível, de percepção, de compreensão, de ensino muito bom, muito alto. Acrescenta-se a isso o fato de vocês, quando se diz que o ensino de Brasília se verifica, que o ensino de Brasília é melhor do que em outros contextos brasileiros, eu poderia perguntar: isso é de graça, é gratuito, foi por acaso? Foi mais um incentivo econômico? Não creio. Há alguma coisa mais do que isso. O fato de vocês virem para cá já representa uma atitude muito peculiar. O fato de terem acreditado na proposta da cidade, o fato de terem emergido de cada uma de suas regiões, dos seus contextos culturais para um local determinado onde uma proposta nova se enquadra. Isso que é responsável pelo nível de ensino em Brasília. É que vocês no fundo já representam uma forma de pensamento mais avançado na direção de uma metodologia e de uma percepção do homem brasileiro, enfim, tudo isso. A idéia de se conscientizar a criança de Brasília de que ela é parte de um processo histórico muito mais especial do que parte do processo histórico regional, porque na realidade, também, uma criança de Sergipe, uma criança dos outros estados é parte da história, mas de uma história muito ligada à toda força dos valores culturais daquele setor, daquela região. E aqui a criança, ao contrário, é parte da história, muito mais de uma nação, que é o conjunto das diversas formas culturais de regiões.

Isso é que talvez seja um caminho e que justamente a sua idéia do texto de LÚCIO COSTA seja mais do que o próprio texto do LÚCIO COSTA. Teria que se começar por uma cartilha, de uma forma de comunicação com a criança a partir de JOSÉ BONIFÁCIO. Por que isso? Por que essa cidade? O que está atrás desse pensamento, o que determinou tudo isso? O próprio LÚCIO COSTA diz no seu texto que a cidade já nasceu feita. Em outras palavras, que ele se coloca como um elemento de um processo histórico e convergências históricas que na hora de se fazer aquilo ele já possuía uma idéia e a colocou no papel.

Enfim, acho que é possível criar-se uma forma de conscientização da posição especial que é aquela em que está a criança em Brasília, por ser justamente uma hipótese de uma criança, de um homem na realidade brasileiro e não totalmente só de Brasília. Essa a grande peculiaridade. É a soma dos diversos contextos que se apresentam pela primeira vez numa situação nova.

Lembre-se do seguinte: quando a Capital foi na Bahia, historicamente não precisamos ir tão longe, mas quando ela foi no Rio de Janeiro, o que acontecia? É que toda convergência nacional para o Rio de Janeiro era absorvida pela força inevitável do contexto que lá já existia. Lembro-me quando menino que todos os Deputados Federais de Pernambuco que vinham para o Rio de Janeiro mudavam-se com a família, estabeleciam-se no Rio de Janeiro e nunca mais voltavam. Enfim, eram absorvidos pelo contexto. É como todos os grupos que vêm regionalmente para São Paulo; eles são absorvidos pelo contexto de São Paulo, inevitavelmente absorvidos.

A força peculiar daquele contexto de movimento seja cultural, seja econômico, seja o que for, é capaz de, inevitavelmente, absorvê-los. Enquanto que, aqui, não; pela primeira vez uma hipótese de conjunto brasileiro, de visão de uma nação mais simbolicamente agrupada se tem a hipótese de Brasília, e isso deveria ser, sem dúvida, um elemento de conscientização através do ensino e que a criança desde o começo perceba a sua verdade. A verdade da criança de Brasília é que é a soma do conjunto brasileiro. E por isso que o terreno é neutro e que essa coisa não deveria se perder, inclusive porque o afluxo vai ser permanente. É claro que está sempre vindo mais gente de outras regiões que vão alimentando o processo histórico do desenvolvimento de Brasília.

— Existe mais alguma pergunta ou sugestão?

— Nós vamos encerrar agradecendo ao Dr. Aluizio por essa oportunidade, por essas reflexões, eis que nós possamos, realmente, amadurecermos um pouco mais em termos de encontrar os objetivos próprios, específicos, para que o nosso aluno de 1º grau venha a encontrar a si próprio, dentro desse contexto cultural que estamos vivendo.